

Sousa, Filomena (2012), “A adivinha em síntese”, *Projecto Memóriamedia*, Porto: Memória Imaterial/IELT, pp.1-9.

A adivinha

A adivinha enquanto forma de expressão oral identitária da cultura portuguesa tem sido pouco estudada parecendo esquecida num canto recôndito da investigação científica e dos estudos socioculturais e literários.

A falta de interesse sobre o estudo da adivinha foi exposta por Arnaldo Saraiva no artigo “Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas”, nas actas do 1º Encontro sobre Cultura Popular realizado nos Açores (1999). Para este autor a “desatenção” dos portugueses em relação às suas adivinhas mede-se “na escassez de estudos, gerais ou particulares, que elas já mereceram”¹ e se alguma produção existe sobre os aspectos socioculturais da adivinha, o mesmo não se passa sobre o estudo da sua linguagem ou poética, essa é praticamente inexistente.

Arnaldo Saraiva, apesar do registo crítico, não deixa de enumerar as obras que merecem referência e constituem, até aos anos 90 do século XX, a curta história do estudo da adivinha em Portugal.

“Desde *As Adivinhas Populares* (1881) de Teófilo Braga até às *Adivinhas Populares Portuguesas* (1988) de Viale Moutinho deparamos com colecções (de Maria Valverde, *Cal é coisa? Cal é Ela?*, 1920; de António Tomás Pires, *Adivinhas Portuguesas* — recolhidas no Alentejo — (1921); de Augusto César Pires de Lima, *O Livro das Adivinhas*, 1921, edição posteriormente revista e anotada por Bertino Daciano; de Manuel Viegas Guerreiro, *Adivinhas Portuguesas*, (1957),

¹ SARAIVA, Arnaldo, (1999). «Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas». In *Actas do 1º Encontro sobre Cultura Popular* (Homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Guerreiro). Ponta Delgada: Universidade dos Açores. pp. 434.

que pecam por carência (às vezes simultaneamente por carência e excesso) ou por deficiências de transcrição textual, de classificação e de arrumação.”²

Saraiva sublinha ainda a qualidade e quantidade das adivinhas que constituem o repertório nacional, o que torna menos compreensível o desinteresse da academia sobre este objecto de estudo.

Nogueira (2004) acrescenta à lista de obras enunciada por Saraiva o acervo reunido por Francisco Lopes em *Passatempo Honesto de Enigmas e adivinhações* (1603), uma compilação já classificada no estudo de Teófilo de Braga (1881) como pertencente à época da Literatura Quinhentista, rara e baseada em fontes populares. Nogueira destaca o recurso à tradição oral, mas refere-se à obra de Francisco Lopes assinalando o tratamento literário a que esta foi submetida e o seu propósito moralizante.

Nogueira retoma a crítica de Saraiva sublinhando os defeitos de transcrição e de classificação de algumas obras, a existência de versões do mesmo texto entendidas como textos diferentes e, acima de tudo, a falta do “apuramento rigoroso das fronteiras do corpus coberto pela designação de ‘adivinha’”³.

Definição de adivinha

A definição de adivinha enunciada por Saraiva (1999) defende que “o nome de adivinha só deve aplicar-se a textos verbais breves que impliquem um jogo de pergunta e de resposta, sendo que esta, clara, está contida naquela de modo cifrado, velado ou inesperado.”⁴ Saraiva afasta da definição de adivinha o logogrifo, o puzzle, os cúmulos, a pergunta armadilha, o texto verbal longo como o conto-adivinha ou o romance; não

² Idem, *Ibidem*, pp. 434.

³ NOGUEIRA, Carlos (2004) “Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa”. *Revista de Literaturas Populares* IV-2, pp.328.

⁴ SARAIVA, Arnaldo, (1999). «Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas». In *Actas do 1º Encontro sobre Cultura Popular* (Homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Guerreiro). Ponta Delgada: Universidade dos Açores. pp. 435.

considera “os textos verbais não formalmente ou estruturalmente dialógicos como o poema, o mistério, o provérbio, o aforismo, ou os textos lúdicos que não impliquem um jogo de pergunta-resposta formal, do tipo travalínguas ou fórmulas de escolha”⁵. Segundo esta definição, a adivinha nada tem a ver com a enigmatística ou a adivinhação mágica ou religiosa, a adivinha é produto “da razão e da imaginação, operações lógicas e analógicas, raciocínios indutivos, dedutivos e edutivos”⁶.

Afastando-se ainda da adivinha escrita, culta e moderna, Saraiva delimita o seu campo de interesse na adivinha popular, oral, tradicional folclórica e poética.

Para Todorov (1978) um aspecto importante da adivinha é esse lado colectivo e folclórico, o facto da adivinha implicar um saber partilhado, de fazer alusão a algo que é conhecido pelos participantes envolvidos e não remeter para acontecimentos isolados ou pessoais. Se não existe um conhecimento prévio, colectivo sobre o tema, não é possível descobrir a solução da adivinha.

No seguimento desta perspectiva as adivinhas são textos verbais que envolvem factores sociais, culturais e linguísticos. As adivinhas são formas de expressão de experiências e de dialécticas do quotidiano (Dionísio, 2005; Silva, 1999). A adivinha é ainda entendida como um jogo que permite o desenvolvimento e o treino da memória, da imaginação e da reflexão, sem que se possa esquecer que a memória é culturalmente influenciada e construída.

Nogueira (2004) parte dos contributos teóricos de Jalles (1976), Frye (1976), Todorov (1978) e Saraiva (1999) e conclui que a adivinha é “um texto verbal curto que apela a uma resposta, contida na pergunta de modo cifrado ou encoberto. A adivinha fornece pois uma definição, insinuante e engenhosa, de algo conhecido, mas dissimulando-o, de forma a não permitir a localização imediata do referente.”⁷

⁵ Idem, *Ibidem*, pp. 435.

⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 434.

⁷ NOGUEIRA, Carlos (2004) “Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa”. *Revista de Literaturas Populares* IV-2, pp.329.

Forma de enunciar a adivinha

É possível distinguir dois tipos de participantes no jogo da adivinha: o interlocutor que propõe a adivinha - o desafiante - e o(s) interlocutor(es) que tenta(m) resolver a adivinha - o(s) desafiado(s) - (Marini, 2006). O primeiro enuncia um texto breve que define um objecto ou ser enumerando características, formas ou metáforas. O desafiante tem como principal função perguntar, testar, instalar a dúvida sobre o que parece evidente, dar uma dimensão ambígua à adivinha, desestabilizar estruturas mentais hierarquizadas e pedir uma resposta (Dionísio, 2005; Marini, 2006; Nogueira, 2004; Saraiva, 1999). O desafiado tenta resolver a adivinha, deve explorar as potencialidades semânticas e simbólicas estruturando-as para determinado referente, deve conseguir tornar claro o cifrado (Saraiva, 1999).

O papel mais importante no jogo da adivinha é do interlocutor desafiado, é ele que tem de passar pelo teste, é ele que tem de interpretar e reinterpretar o contexto da adivinha, é ele que passa pelo processo de resolução da adivinha o que, segundo Jolles (1976), é mais importante do que encontrar a solução. Do desafiado espera-se a perícia e o conhecimento linguístico, social e cultural que permitem encontrar a resposta certa.

De acordo com Marini (2006), o desafiado é submetido a um enunciado, a significação é activada pelo processo de rememoração e, numa primeira interpretação, é influenciado pela ilusão de que a linguagem, a língua ou o sentido das palavras têm uma estabilidade definitiva. Caso se deixe iludir, dá a resposta errada e quando lhe é revelada a solução percebe que o sentido aparentemente estável afinal é inadequado. Nessa altura, reinterpreta o enunciado e a pergunta é alvo de uma nova significação.

A esta configuração de sentidos Marini chama de movimento de interpretação (momento T) e reinterpretação (momento T'). Com estas designações a autora pretende

mostrar que é fundamental considerar o jogo não só na fase em que o desafiado tenta responder à pergunta, mas também na fase em que perante a falta de resposta ou uma resposta errada o desafiante revela a solução.

Relevante é também o facto de, para o desafiante, o jogo ser mais interessante não quando o desafiado fica perplexo e não responde ou quando acerta à primeira, mas quando existem várias tentativas de resposta, os momentos de reinterpretação que acontecem quando a solução não é desvendada, quando se descartam ou legitimam diferentes opções. Nessa altura, enquanto não se decifra a adivinha, o desafiador continua a repetir a pergunta, ou partes da pergunta, desafiando literalmente o(s) ouvinte(s) e brincando com a sonoridade das palavras, destacando rimas e metáforas. O objectivo é criar impaciência, provocar o desejo de saber a resposta e realçar a superioridade do desafiador que detém o conhecimento.

Quando se revela a solução reinterpreta-se a pergunta, debate-se a pertinência das pistas e as descrições inusitadas contidas na adivinha (o que usualmente provoca o riso). É também nessa altura que as posições dos participantes do jogo deixam de ser hierarquizadas, todos partilham o mesmo saber (Dionísio, 2005).

A estrutura da adivinha

Como já foi referido, a estrutura da adivinha parte da formulação pergunta-resposta e é apresentada como um “jogo verbal” que envolve pelo menos dois participantes. As adivinhas são compostas por elementos descritivos (presentes no enunciado) e o referente (o que está cifrado, velado). Os conteúdos da adivinha referem-se, assim, a um determinado sistema sociocultural e implicam a compreensão da língua/linguagem que inscrevem. Para ser retransmitida oralmente, a adivinha é curta e com uma estrutura fácil de memorizar (Dionísio, 2005, Marini, 2006; Silva, 1999)

Referindo-se à estrutura da adivinha portuguesa, Nogueira (2004) enuncia que esta “partilha das características do arquétipo universal, compreendendo, genericamente,

uma fórmula de introdução, um corpo central, que encerra a mensagem enigmática, e uma fórmula de conclusão.”⁸

Determinados histórica e socialmente os géneros textuais são muitas vezes reconhecidos pelas expressões de abertura: os contos que começam por “era uma vez”; “sabes aquela de um português, um francês e um inglês” para enunciar um tipo de anedota; “senhores e senhoras” para a apresentação de exposições públicas (Dionísio, 2005); quando alguém enuncia “Qual é coisa, qual é ela”, rapidamente o ouvinte percebe que vai ser desafiado para responder a uma adivinha, ou seja, esta forma de introdução permite definir este género textual. “Qual é coisa, qual é ela” é a fórmula mais recorrente, mas também é usual “O que é, que é”, “O que é que” ou “O que é”. Segundo Todorov (1978) dá-se uma forma interrogativa ao enunciado inicial para indicar que um segundo enunciado irá surgir.

“Qual é coisa, qual é ela,
que é redonda como o Sol;
tem mais raios do que uma trovoadas
e anda sempre aos pares?”⁹

“O que é, que é,
que quanto mais se tira
maior fica?”¹⁰

“O que é que
todo o nariz
tem na ponta?”¹¹

“O que é uma casinha
sem porta e sem janela;
lá dentro vivem duas donzelas,
uma branca e outra amarela?”¹²

A parte mais importante da adivinha é o corpo composto pelos elementos que dão pistas para chegar à solução e os elementos que visam criar a dúvida. No corpo da

⁸ NOGUEIRA, Carlos (2004) “Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa”. *Revista de Literaturas Populares* IV-2, pp.329.

⁹ Solução: Roda da bicicleta.

¹⁰ Solução: Buraco.

¹¹ Solução: Z.

¹² Solução: Ovo.

adivinha simula-se a simplicidade da resposta, complexificam-se as descrições, induz-se a paradoxos ou desconstrói-se a estabilidade aparente. O corpo dá identidade ao género textual da adivinha mesmo que esta não tenha expressão de abertura e/ou conclusão (Nogueira, 2004).

“Tem barbas e não tem queixo,
este bicho montanhês;
tem dentes mas não tem boca,
tem cabeça e não tem pés.”¹³

“Não é duro,
não é mole;
não se apalpa,
não se come.”¹⁴

Menos frequente do que acontece com as fórmulas de introdução, fazem parte de algumas adivinhas expressões de conclusão que têm como objectivo desafiar o ouvinte, provocando-o ou desprestigiando-o caso ele não saiba a resposta correcta. A exemplo, “Não adivinhas este ano”, “Não adivinhas/ nem daqui a um mês”, “Adivinha, bacharel” (Nogueira, 2004).

“Capotes e mais capotes,
são todos do mesmo pano;
se não te disser agora,
não adivinhas este ano.”¹⁵

“Sou branca de nascença,
preta de geração;
barriguinha de cabaça
e dentinhos de turquês,
não adivinhas
nem daqui a um mês.”¹⁶

¹³ Solução: Alho.

¹⁴ Solução: Vento.

¹⁵ Solução: Cebola.

¹⁶ Solução: Formiga.

Bibliografia

- AMADES, Joan, s/a. *Folklore de Catalunya – Cançoner*. Barna: Selecta.
- BRAGA, T. e BASTOS, T. (1881). “As Adivinhas Populares”. *Era Nova: Revista do Movimento Contemporâneo*, 1880-1881, 241-255 e 433-442.
- BURNS, T. A. (1976). “Riddling: Occasion to Act”. *Journal of American Folklore* 89, New York: Published for the American Folklore Society pp. 139-165
- CASCUDO, L. C. (1978) *Literatura oral no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- DIONÍSIO, Angela Paiva (2005) “O que é a adivinhação?” in *Revista da Faced*, nº 9, Baía: Universidade Federal da Baía. pp. 35-54.
- FRYE, N. (1976) *Spiritus Mundi*. Bloomington: Indiana University Press / Fitzhenry & Whiteside.
- HART, D. V. (1964). *Riddles in Filipino Folklore: An Anthropological Analysis*. Syracuse: Syracuse
- JOLLES, A. (1976) *Formas simples*. São Paulo: Cultrix.
- LIMA, FERREIRA e ARAUJO (2009) “As adivinhas enquanto unidade textual-discursiva: uma possibilidade de ampliação da aprendizagem no ensino de língua portuguesa” in *Ao pé da Letra*, 11.2 Recife: Departamento de Letras UFPE. pp. 43-52.
- MACHADO Y ÁLVAREZ, Antonio, (1881) *Adivinanzas francesas y españolas*. Sevilla: Imprenta de El Mercantil Sevillano.
- MARINI, D. (2006). *Os movimentos de sentidos nas adivinhas: um estudo enunciativo*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Estadual de Campinas.
- MENEZES, P. M. (1999) “Formação de palavras na organização textual das adivinhas” in *Ao pé da Letra*, 1 Recife: Departamento de Letras UFPE. pp. 147-154.
- MARTÍN, Paço (1985). *Que Couse é Couse...? Libro das Adiviñas*.Vigo: Galáxia.
- NOGUEIRA, Carlos (2004) “Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa”. *Revista de Literaturas Populares* IV-2, pp.328-339.
- PIRES DE LIMA, Augusto César, (1994) *O livro das adivinhas*. 7ª ed. Lisboa: Notícias.
- SARAIVA, Arnaldo, (1999). «Poética e enigmática das adivinhas populares portuguesas». In *Actas do 1º Encontro sobre Cultura Popular* (Homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Guerreiro). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- SILVA, Wagner Rodrigues (1999). “Tópicos discursivos e formas de construção das adivinhas” in *Ao pé da Letra*, Recife: Departamento de Letras UFPE. pp 185-191.
- SILVA, Wagner Rodrigues e MUNIZ, K. S. (2001). “Adivinhas e ensino da língua portuguesa: uma descoberta” in *Ao pé da Letra*, 3.1 Recife: Departamento de Letras UFPE, pp. 75-84
- SILVA, Surama (1999) “adivinhações e o ensino de língua materna” in *Ao pé da Letra*, Recife: Departamento de Letras UFPE. pp. 165-169.

STARR, F. (1909) *A little Book of Filipino Riddles*. New York: World Book Co.

TESSONNEAU, A. L. (1986). *La Devinette-Enigme: Technique et moyen d'apprentissage de la parole dans la société traditionnelle haïtienne*. Thèse présentée à l'Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle.

TODOROV, T. (1973). "Analyse du discours: l'exemple des devinettes". *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 70, Boston ; New York : Published for the American Folk-lore Society pp.135-155

TODOROV, T. (1978). *Les genres du discours*. Paris: Seuil.

VASCONCELLOS, J. L. de (1938). Opúsculos, v. II, *Etnologia*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VASCONCELLOS, J. L. de (1963). *Contos Populares e Lendas*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.